

AS GEOGRAFIAS UNIVERSITÁRIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA NAS REVISTAS GEOGRAPHIA E FINISTERRA – 2000-2016¹

THE PORTUGUESE AND BRAZILIAN UNIVERSITY GEOGRAPHIES IN THE MAGAZINES GEOGRAPHY AND FINISTERRA - 2000-2016

Mônica Sampaio Machado¹, Jorge Paulo Pereira dos Santos²

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

² Secretaria Municipal de Educação (SME), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Correspondência para: Mônica Sampaio Machado (monicasampaio@oi.com.br)

doi: 10.12957/geouerj.2018.36272

Recebido em: 3 maio. 2018 | Aceito em: 11 jul. 2018



RESUMO

Este texto apresenta alguns resultados da pesquisa realizada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro sobre as relações entre as Geografias institucionais brasileira e portuguesa. A ideia central é refletir sobre as características e as tendências da produção geográfica universitária no século XXI no Brasil e em Portugal, tendo como base os artigos publicados em dois importantes periódicos científicos vinculados a duas universidades públicas em ambos os países, a GEOgraphia, da Universidade Federal Fluminense, e a FINISTERRA, da Universidade de Lisboa. Primeiramente são tecidas considerações sobre a história e a estrutura dos periódicos. Em seguida, é apresentada a metodologia de análise empregada e, finalmente, de forma detalhada, são expostos e discutidos os dados levantados a partir do exame, da classificação e da comparação dos artigos publicados nos periódicos geográficos brasileiro e portugueses.

Palavras-chave: Geografia universitária; Brasil; Portugal; GEOgraphia; FINISTERRA.

ABSTRACT

This text presents some results of the research carried out at the State University of Rio de Janeiro on the relations between the Brazilian and Portuguese institutional geographies. The main idea is to reflect on the characteristics and trends of university geographic production in the 21st century in Brazil and Portugal, based on the articles published in two important scientific journals linked to two public universities in both countries, GEOgraphia, University Federal Fluminense, and FINISTERRA, of the University of Lisbon. First are woven considerations about the history and structure of periodicals. Next, the methodology of analysis used is presented and finally, in a detailed way, the data collected from the examination, classification and comparison of articles published in the Brazilian and Portuguese geographical periodicals are exposed and discussed.

Keywords: University Geography, Brazil, Portugal, GEOgraphia, FINISTERRA.

INTRODUÇÃO

Os periódicos científicos cada vez mais têm se apresentado como importantes fontes de pesquisa para análise das características e tendências da produção acadêmica. O levantamento, bem como o balanço dessa produção, permitem uma avaliação dos temas, dos autores, dos lugares de produção, das bases

¹ A tabulação de dados contou com a colaboração de Claudia Feliciano Lúcio, bolsista PIBIC/CNPq/UERJ.

teórico-metodológicas, dos conceitos e categorias de análise e das trajetórias e tendências da reflexão científica. Neste artigo será apresentado um retrato dos estudos das Geografias universitárias brasileira e portuguesa no século XXI, a partir do exame dos trabalhos publicados entre os anos de 2000 e 2016 nas revistas FINISTERRA: Revista portuguesa de Geografia, periódico da Universidade de Lisboa, e da GEOgraphia, periódico da Universidade Federal Fluminense.

Decidiu-se pela seleção dessas duas revistas como fonte de análise deste estudo em função da importância e da qualidade editorial de suas publicações, reconhecidas pela CAPES,² de suas periodicidades, que permitiram fazer um paralelo entre suas produções durante os dezesseis anos do século XXI, e por apresentarem um retrato da Geografia desenvolvida em ambos os países, uma vez que os artigos nelas veiculados não se restringem à escala local.

A GEOgraphia é uma revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, fundada em 1999, com publicação semestral até 2015, passando desde então a ser trimestral. Tanto a criação da revista quanto o Programa foram frutos da renovação do quadro docente do Departamento de Geografia dessa instituição, um processo que se iniciou ainda na década de 1980, com o ingresso dos professores Rogério Haesbaert da Costa, Carlos Walter Porto Gonçalves, Márcio Piñon de Oliveira, Ruy Moreia e Jorge Luiz Barbosa. O acesso à revista é livre e todos seus exemplares estão disponíveis para consulta no site <http://www.geographia.uff.br>. Desde o primeiro número oferece uma sessão com estudos clássicos da Geografia, revisitando a contribuição de autores de várias tendências teóricas, como Alfred Hettner, Carl Sauer, Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache, Josué de Castro, Jean Tricart, Max Sorre, Pierre Monbeig, Alexander Von Humboldt, Elisée Reclus, Immanuel Kant, Pierre George, Halford John Mackinder, Piotr Kropotkin, Victor Borisovich Sochava, Camille Vallaux e Carl Ritter. Além de artigos científicos originais, respaldados em pesquisa e de grande importância para o campo da Geografia e áreas afins, o periódico oferece também comunicações científicas e resenhas.

² No último quadriênio (2013-2016) a CAPES classificou no Qualis-Periódico a GEOgraphia no estrato A1 e a FINISTERRA no estrato B1. De acesso livre e online, todos os números e volumes das revistas podem ser consultados via internet.

A FINISTERRA foi criada em 1966 pelos professores Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau e Ilídio do Amaral, no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-Lisboa), e, de acordo com informações obtidas no site do periódico, foi a primeira revista universitária de Geografia portuguesa.³ Criado em 1943, por iniciativa do geógrafo Orlando Ribeiro, o CEG buscava fortalecer o campo científico da Geografia portuguesa e se constituir como um importante veículo dos estudos geográficos europeus naquele período, uma vez que a Segunda Guerra e suas consequências dificultavam a circulação e o debate acadêmico, principalmente na França e na Alemanha, países que são uma referência para a Geografia acadêmica. Esse foi também um dos motivos que levaram à realização XVI Congresso Internacional de Geografia em 1949, em Portugal, o primeiro congresso internacional de Geografia do pós-guerra.⁴ Assim como a GEOgraphia, o acesso à FINISTERRA é livre e todos os seus exemplares estão disponíveis para consulta no site <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/index>.

Neste trabalho foram levantados e analisados apenas a seção de Artigos de ambos os periódicos, publicados entre os anos de 2000 e 2016. Ao todo foram examinados 461 artigos. Na GEOgraphia foram 225 artigos, distribuídos em 36 números e 17 volumes (volumes 3 ao 18). Na FINISTERRA foram 236 artigos, distribuídos em 36 números e 17 volumes (volumes 35 ao 51). Como orientação metodológica, os artigos foram classificados e comparados a partir de seis eixos: 1) instituições dos autores; 2) cidade e país das instituições dos autores; 3) áreas de conhecimento da Geografia; 4) áreas de estudo das Geografias física e humana; 5) recorte espacial dos estudos; 6) gênero dos autores.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAPHIA E A FINISTERRA

Fundada em 1999, a revista GEOgraphia, da Universidade Federal Fluminense, está vinculada à fundação da Pós-graduação em Geografia dessa instituição.⁵ Estiveram envolvidos no processo de criação do periódico os membros do primeiro Comitê Editorial, os professores do Departamento de Geografia da UFF Hélio de Araújo Evangelista, Rogério Haesbaert (único que permanece até os dias

³ Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/index>.

⁴ Ilídio do Amaral (2001, p. 11-25).

⁵ A Pós-Graduação em Geografia *stricto sensu* na UFF teve início em 1999, com o Curso de Mestrado Acadêmico. Em 2001, teve início o Curso de Doutorado. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/envioColeta/dadosFotoEnvioColeta.jsf>.

atuais) e Ruy Moreira. A estrutura inicial do periódico se manteve até 2016, organizado em quatro partes: artigos, resultado de pesquisas ou debates; “nossos clássicos”, publicação de estudos clássicos de geógrafos do passado; indicações de livros e autores; resenhas. Nesse período a única alteração se refere à periodicidade. Até 2015 a GEOgraphia era publicada semestralmente, e em 2016 a publicação passou a ser trimestral.

Os artigos publicados nos primeiros números veiculam as aulas e palestras da Pós-Graduação em Geografia, exprimindo os temas, categorias e linhas de pesquisa com que os autores trabalhavam, enriquecidos de textos de estudiosos convidados.⁶ A aula inaugural foi ministrada por Milton Santos e publicada na primeira edição da GEOgraphia, em 1999. O segundo número da revista inicia-se com um artigo de Paul Claval, evidenciando o propósito de abertura ao diálogo com a comunidade acadêmica internacional.

A partir de 2004, no volume 6, número 12, os professores Carlos Alberto da Silva, Sandra Baptista da Cunha e Ester Limonad passam a fazer parte do Comitê Editorial da GEOgraphia, substituindo Hélio Evangelista. Nesse mesmo ano, comemoraram-se os cinco anos de existência do periódico, com a versão eletrônica disponível no endereço eletrônico e de acesso livre. Esse volume foi aberto com um artigo de Bertha Becker, fruto de sua aula inaugural no curso de doutorado em 2002.

Desde o primeiro número, a GEOgraphia apresentou também algumas edições especiais. O volume 16, número 31, de 2014, por exemplo, inaugura uma seção extraordinária em homenagem ao professor Nelson da Nóbrega Fernandes, falecido em junho de 2014, mostrando as suas principais contribuições ao debate geográfico. O volume 17, número 35, de 2015, refere-se a uma edição especial denominada “Dossiê”, dedicada aos estudos do agronegócio no Brasil e na Argentina.

Já a FINISTERRA tem uma trajetória histórica mais extensa. Em 2001, Ilídio do Amaral escreveu o artigo *Finisterra, uma revista com trinta e cinco anos de prestígio científico*, relatando as discussões e o processo de criação deste periódico, que data dos anos finais de 1950. Naquela década, Amaral

⁶ Conforme Editorial da revista GEOgraphia, v.1, n. 1, p. 5, 1999.

passou a ser colaborador do professor Orlando Ribeiro na Universidade de Lisboa, um dos grandes responsáveis pela consolidação e desenvolvimento de uma escola da Geografia acadêmica em Portugal, aos moldes científicos da época, respaldados na escola lablachiana. Assim, a criação de um periódico para veicular e difundir os novos autores do campo científico geográfico e os resultados de seus estudos, fazia parte do projeto de Orlando Ribeiro de fortalecimento acadêmico e científico da Geografia portuguesa. O depoimento de Ilídio Amaral destaca a intenção de seu mestre.

Guardo vivas as conversas com o Mestre, quer no Centro, quer em sua casa, na Rua do Monte do Carmo, onde ele gostava de reunir os colaboradores científicos em jantares de trabalho, quer nas inúmeras excursões por várias áreas do País e do estrangeiro (...). Dentre os muitos assuntos tratados em tais momentos, um ganhou carácter de recorrente: a criação de uma revista do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Era um projecto antigo, que eu já tinha ouvido o Mestre referir em aulas e em Colóquios quinzenais realizados com a participação de docentes universitários e do ensino secundário, de licenciados em áreas afins da Geografia e em muitas outras. (AMARAL, 2001, p. 13-14)

Nesse sentido, a publicação da FINISTERRA teve início em 1966 e, desde o começo, esteve associada ao desenvolvimento da Geografia universitária portuguesa a partir da Universidade de Lisboa, pois, quando o Centro de Estudos Gerais e a revista foram criados, “o ensino universitário de Geografia só existia em Lisboa e em Coimbra, com um número de alunos muito reduzido”.⁷ Em função da concepção de seus fundadores – o geógrafo português Orlando Ribeiro e sua esposa, a geógrafa francesa Suzanne Daveau, e o geógrafo de origem angolana Ilídio Amaral, a FINISTERRA prosseguiu afirmando-se não apenas como uma referência para a Geografia portuguesa, mas também como um periódico internacional, contando com a colaboração de franceses, italianos, espanhóis, alemães e brasileiros.⁸ Conforme Orlando Ribeiro,

O aparecimento de uma revista portuguesa de Geografia não carece de largos comentários, de tal modo e há tanto tempo a sua falta se fazia sentir. Por isso também este desígnio estava há muito entre os planos de trabalho do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Graças ao prestimoso auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, que tanto se esforça em renovar o ambiente científico nacional, e a uma conjugação de boas vontades dos colaboradores daquele agrupamento de geógrafos, pode agora realizar-se, em condições de eficácia, um projecto há tantos anos amadurecido. (RIBEIRO, 1966, p. 5).

⁷ Maria João Alcoforado et. al. (2015, p. 11)

⁸ Maria João Alcoforado et. al. (2015, p. 11)

Até 1980 a FINISTERRA foi financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian; posteriormente, até 2000, recebeu apoio da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Junta Nacional de Investigação Científica, da fundação da Universidade de Lisboa e da Biblioteca Nacional de Lisboa. A partir de 2000, passou a ser financiada pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, com verba assegurada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) de Portugal, ano em que o periódico consolidou sua internacionalização e difusão em acesso aberto.⁹

Com relação à direção, a FINISTERRA esteve, entre 1966 e 1975, sob responsabilidade de seus fundadores, os professores Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau e Ilídio Amaral. Entre 1976 e 1994, recebeu também o apoio dos professores Carlos Alberto Medeiros e Jorge Gaspar. Entre 1995 e 1998, ficou sob responsabilidade apenas de Carlos Alberto Medeiros, e, entre 2000 e 2015, a professora Maria João Alcoforado assumiu a direção da revista, passando-a em 2016 para a professora Margarida Queirós.

Os três fundadores asseguraram a Direcção de 1966 a 1975 (quadro I, 10 anos, 20 números) e, ainda, de 1976 a 1994, agora apoiados por Carlos Alberto Medeiros e Jorge Gaspar (mais 18 anos e 36 números). Em 1995 iniciou-se uma nova etapa, com um único Director, Carlos Alberto Medeiros, coadjuvado por uma Comissão de Redacção (1995-1999, 5 anos, 10 números). A partir de 2000 a direcção ficou a cargo de Maria João Alcoforado (2000-2015, 16 anos, 32 números). (ALCOFORADO et. al, 2015, p. 12).

Assim, como o recorte temporal deste estudo abrange os anos de 2000 a 2016, será aqui explorada as características e a organização da FINISTERRA sob a direção de Maria João Alcoforado, que esteve à frente por 15 anos, e de Margarida Queirós, que assume a direção em 2016. Nesse período, apesar de números temáticos e outras variações, a revista foi publicada, em sua maioria, em três grandes seções: artigos; resenhas (sínteses e atualizações bibliográficas); notas ou notícias.¹⁰ Até 2015 a publicação era semestral e em 2016 passou a ser trimestral.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS ARTIGOS DA GEOGRAPHIA E FINISTERRA – 2000-2016

⁹ Maria João Alcoforado et. al. (2015, p.10-16)

¹⁰ Para a análise da FINISTERRA, sugere-se o artigo de Maria João Alcoforado et. al. (2015), publicado no número comemorativo de 50 anos desse periódico.

A análise dos artigos publicados nos periódicos GEOgraphia e FINISTERRA foi orientada a partir da confecção de uma planilha contendo as seguintes informações: número e volume da publicação; título dos artigos; autor; instituição dos autores; cidade e país das instituições dos autores; áreas de conhecimentos da Geografia (Geografia humana e Geografia física); áreas de estudo das Geografias física e humana; recorte espacial dos estudos; gênero dos autores. O universo analisado de ambos os periódicos ficou limitado à seção de Artigos; os demais trabalhos contidos em outras seções não foram considerados. Assim, para o período proposto, entre 2000 e 2016, foram analisados 461 artigos: 225 da GEOgraphia e 236 da FINISTERRA.¹¹ (quadros 1 e 2)

ANO	N	V	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	INSTITUIÇÃO	CIDADES INST.	PAÍS INST.	ÁREA DO CONHECIMENTO DA GEOGRAFIA	ÁREAS DE ESTUDO	RECORTE ESPACIAL	GÊNERO
2000	3	2	A Aparência, o Ser e a Forma - Geografia e Método	Armando Corrêa da Silva	USP	SÃO PAULO	BRASIL	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	M
			Assim se Passaram Dez Anos - A Renovação da Geografia Brasileira no Período 1978-1988	Ruy Moreira	UFF	NITERÓI	BRASIL	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	M
			Espaço, Tempo e Modernidade	Glivan Luiz Hansen	UEL	LONDRINA	BRASIL	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	M
			A Arte de Representar como reconhecimento do Mundo: o Espaço Geográfico, o Cinema e o Imaginário Social	Jorge Luiz Barbosa	UFF	NITERÓI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA CULTURAL	SEM	F
			A Cidade na Pós-Modernidade: entre a Ficção e a Realidade	Ester Limonad	UFF	NITERÓI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA URBANA	SEM	M
			Memórias de Viajantes: Paisagens e Lugares de Um Mundo Novo	Werther Holzer	UFF	NITERÓI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA CULTURAL	SEM	M
			A Implantação da Geografia Universitária no Rio De Janeiro	Mônica Sampaio Machado	UERJ	RIO DE JANEIRO	BRASIL	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	RJ	F
2000	4	2	Regionalismo e Sociedade Política	Benno Werlen	U Friedrich-Schiller	JENA	ALEMANHA	GH	GEOGRAFIA POLÍTICA	SEM	M
			A Paisagem Agrária na Obra de Leo Waibel	Virgínia Elisabeta Etges	Unisc	SANTA CRUZ DO SUL-RS	BRASIL	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	F
			A Colonização Portuguesa no Brasil e a Pequena Propriedade	Rui Erthal	UFF	NITEROI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA HISTÓRICA	BR	M
			Considerações sobre a Organização da Produção Leiteira no Espaço Agrário Brasileiro	Jacob Binsztok	UFF	NITERÓI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA AGRÁRIA	BR	M
			Trajetórias Geográficas do Pioneiro André Antônio Maggi na Abertura da Fronteira do Oeste Paranaense	Carlos Alberto Franco da Silva	UFF	NITERÓI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA AGRÁRIA	PARANÁ	M
			Vegetação, Paisagem e o Planejamento do Uso da Terra	Claudio Belmonte de Athayde Bohrer	UFF	NITERÓI	BRASIL	GF	PLANEJAMENTO AMBIENTAL	FLORESTAS TROPICAIS	M
			Os Lugares Turísticos: Territórios do Fenômeno Turístico	Aguinaldo César Fratucci	Plínio Leite	NITEROI	BRASIL	GH	GEOGRAFIA e TURISMO	SEM	M

Quadro 1. Modelo da planilha com artigos publicados na revista GEOgraphia/UFF – 2000-2016.

¹¹ Nesse sentido, não constituem o universo da pesquisa que sustenta este estudo trabalhos publicados na GEOgraphia, nas seções: “nossos clássicos”, resenhas de livros, indicações, livro e autor, além das especiais em homenagem póstuma aos geógrafos, e os publicados na FINISTERRA, nas seções: sumário, notas/notícias, resenhas, síntese e atualizações bibliográficas.

ANO	N	V	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	INSTITUIÇÃO	CIDADES INST.	PAÍS INST.	ÁREA DO CONHECIMENTO DA GEOGRAFIA	ÁREAS DE ESTUDO	RECORTE ESPACIAL	GÊNERO
2000	69	35	A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco (1560)	Suzanne Daveau	UL	LISBOA	PORT	GH	GEOGRAFIA HISTÓRICA	PORT	F
			A Glaciação pliocénica na Serra do Gerês	António Brum Ferreira	UL	LISBOA	PORT	GF	GEOMORFOLOGIA	PORT	M
			The coastal vegetation of the portuguese divisory sector: dunes, cliffs and low scrub communities	José Carlos Costa	Instituto Superior de Agronomia	LISBOA	PORT	GF	BIOGEOGRAFIA	PORT	M
			Comparação de configurações cartográficas através da regressão bidimensional	Maria Helena Dias	UL	LISBOA	PORT	GF	CARTOGRAFIA	PORT	F
			O sector económico da cultura na Área Metropolitana de Lisboa. aspectos locativos e implicações nas políticas urbanas	Eduardo Brito Henriques	UL	LISBOA	PORT	GH	GEOGRAFIA URBANA	PORT	M
2000	70	36	A Reserva Ecológica Nacional (REN): sua importância para o ambiente e ordenamento do território	Ana Ramos Pereira	UL	LISBOA	PORT	GF	PLANEJAMENTO AMBIENTAL	PORT	F
			Circulação de ar na península de Tróia e costa da Galé	Carlos Silva Neto	UL	LISBOA	PORT	GF	CLIMATOLOGIA	PORT	M
			Imbricação de empresas transnacionais: uma análise do cluster automóvel em Portugal	Mário Vale	UL	LISBOA	PORT	GH	GEOGRAFIA ECONOMICA	PORT	M
2001	71	36	Les ressources de territoires et les territoires de ressources	Georges Benko	Université Panthéon Sorbonne	PARIS	FRAN	GH	GEOGRAFIA ECONOMICA	SEM	M
			Parcerias público-privadas nas políticas sociais. O caso das freguesias da Área Metropolitana de Lisboa (1993-1997)	Carlos Mendes Pauleta	UL	LISBOA	PORT	GH	GEOGRAFIA URBANA	LISBOA	M
2001	72	36	Nota Editorial	Maria João Alcoforado	UL	LISBOA	PORT	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	F
			Finisterra. Uma revista com 35 anos de prestígio científico	Ilídio Amaral	UL	LISBOA	PORT	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	M
			Paisagens, regiões e organização do espaço (com nota introdutória de Carlos Alberto Medeiros)	Oriando Ribeiro	UL	LISBOA	PORT	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	M
			Paisagem e geografia	Teresa Barata Salgueiro	UL	LISBOA	PORT	GH	EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA	SEM	F

Quadro 2. Modelo da planilha com artigos publicados na FINISTERRA – UL – 2000-2016.

A partir dessas planilhas foram organizados tabelas e gráficos. Contudo, antes de apresentar esse material, cabe tecer algumas considerações sobre os critérios de classificação desenvolvidos e adotados para ambos os periódicos. Com relação às *áreas de conhecimento*, os artigos foram agrupados em Geografia física (GF) e Geografia humana (GH). A partir dessa classificação, os artigos foram catalogados em campos mais específicos. Com o objetivo de demonstrar as especializações dos estudos geográficos, essas subáreas foram denominadas nas planilhas de *áreas de estudo*.¹²

Os artigos da Geografia física foram classificados em quatro subáreas: Planejamento Ambiental; Geomorfologia; Cartografia e Geoprocessamento e Climatologia. Os da Geografia humana foram organizados em onze: Epistemologia da Geografia; Geografia histórica; Geografia urbana; Geografia agrária; Geografia política; Geografia regional; Geografia econômica; Geografia da população; Geografia cultural; Geografia e turismo e Ensino.

¹² Estabelecer uma classificação dos temas de estudos de uma ciência como a Geografia não é uma tarefa fácil. Alguns apresentam interfaces em mais de uma área de estudo, ou subáreas. Novos temas também surgem e não se encaixam nas áreas tradicionais da Geografia, assim como novas subáreas, que não tinham expressão no passado, passam a se destacar no presente. De toda forma, como base da classificação aqui estabelecida, partiu-se da investigação sobre a Geografia universitária do Rio de Janeiro desenvolvida por MACHADO (2009, p. 176-180). A essa classificação foram estabelecidas e incorporadas outras subáreas, áreas de estudos. Vale ainda mencionar que o agrupamento dos temas aqui elaborado foi utilizado para ambos os periódicos e serviu de padrão comparativo para a análise das tendências dos estudos das Geografias acadêmicas brasileira e portuguesa no século XXI.

Na área de conhecimento da Geografia física, para a subárea de Planejamento ambiental adotou-se a perspectiva ecossistêmica e foram incluídos estudos da distribuição espacial e temporal de espécies animais e vegetais, fauna, flora e micro-organismos, de desertificação, de paisagens e qualidade de vida, sustentabilidade, unidades de conservação, paquês e reservas, políticas ambientais, assim como as ações e interferências antrópicas. Em Geomorfologia foram incluídos os estudos de Geomorfologia costeira, Geomorfologia continental, Paleontologia, Pedologia e Hidrologia. A subárea de Cartografia e Geoprocessamento reuniu artigos sobre confecção de mapas e desenvolvimentos tecnológicos da teledetecção e do processamento automático de dados georreferenciados e suas representações espaciais.

Na área de conhecimento da Geografia humana, a subárea Epistemologia da Geografia agrupou artigos sobre história, filosofia e metodologia da Geografia, conceitos e teorias, estudos institucionais, biografias dos geógrafos, papel dos trabalhos de campo. Na Geografia histórica, artigos sobre cidades coloniais, relatos de viajantes, regiões, lugares e relações socioespaciais do passado, assim como transformações de padrões espaciais através do tempo. Em Geografia urbana foram incluídos trabalhos sobre a cidade, metrópoles, o espaço intraurbano e a rede urbana. Assim, foram agrupados temas como setor imobiliário, favelas, estudo de bairros, direito à cidade, uso do solo, infraestrutura e equipamentos urbanos, programas habitacionais, acessibilidade e circulação, dinâmica comercial, etc. Na Geografia agrária foram incluídos estudos sobre a produção e as relações de produção no campo, o agronegócio, os trabalhadores do campo, os pequenos produtores e a pequena produção, reforma agrária, estrutura fundiária, etc. Na Geografia Política foram inseridos os estudos sobre ordenamento e gestão territorial, poder político e território, integração territorial e fronteiras, conflitos e lutas dos povos indígenas e de trabalhadores na cidade e no espaço agrário, representações e estudos clássicos de geopolítica. Em Geografia regional foram classificados estudos sobre globalização e regionalização, disputas, dinâmicas e desafios e desenvolvimentos regionais, planejamento regional, levantamentos de realidades sociais, econômicas e diagnósticos regionais. Na Geografia Econômica foram englobados os estudos sobre as representações espaciais dos fenômenos econômicos, setor industrial, serviços, estudos de redes e circulação de bens materiais e imateriais, rede elétrica, rede de transporte rodoviário, hidroviário, férreo, rede bancária, inovações territoriais, impactos das ações das

transnacionais e os setores da economia. Na Geografia da população foram considerados os estudos sobre migração interna e internacional, características étnicas e culturais dos migrantes, suas condições socioespaciais e integração e mobilidade do trabalho. Na Geografia cultural foram considerados estudos que acentuam o caráter simbólico, artístico e subjetivo da cultura e dos lugares, expressões culturais do movimento negro, religião e peregrinações religiosas, festas, expressões da cultura popular. Na Geografia e turismo foram considerados estudos de lugares e roteiros turísticos, política para o turismo, revalorização de cidades e espaços do turismo e propostas de análise geográfica para o turismo. A área de Geografia e Ensino compreendeu estudos voltados para o ensino e a aprendizagem da Geografia no ensino fundamental e médio, a Geografia escolar, como alterações curriculares, material didático, planejamento do ensino de Geografia e conceitos geográficos aplicados ao ensino.

Por fim, cabem observações sobre o item *recorte espacial* dos estudos dos artigos. No caso do periódico brasileiro, em função da característica territorial do país, ele foi estabelecido essencialmente pelos estados da federação investigados pelos artigos. Quando o estado da federação apareceu apenas uma vez, os artigos foram agrupados e classificados como outros estados. Os estudos que trataram do território brasileiro, como um todo, foram classificados como “Brasil”. Já o periódico português optou por apresentar o recorte espacial a partir dos países. Assim, por exemplo, artigos que estudaram cidades e regiões foram contabilizados por países. Entretanto, quando os artigos incluíam mais de um país foram classificados por regiões. Os artigos sem recorte espacial são estudos teóricos ou sem recortes espaciais específicos. Aqui foram agrupados os estudos de Geografia humana e de Geografia física.

Instituições dos autores

O objetivo principal deste item é refletir sobre as principais instituições que difundem suas pesquisas e a abertura nacional e internacional de ambos os periódicos e da Geografia brasileira e portuguesa. Cabe, contudo, uma observação sobre a catalogação estabelecida. Para artigos com coautoria, foram consideradas apenas as instituições do primeiro autor de cada artigo. No caso brasileiro, 87% dos artigos da GEOgrafia-UFF são oriundos de instituições brasileiras e 13% de estrangeiras. Entretanto,

apenas 26% são da própria instituição da revista, a Universidade Federal Fluminense, o que indica uma grande abertura aos estudos desenvolvidos em outras instituições acadêmicas nacionais (ver figura 1).

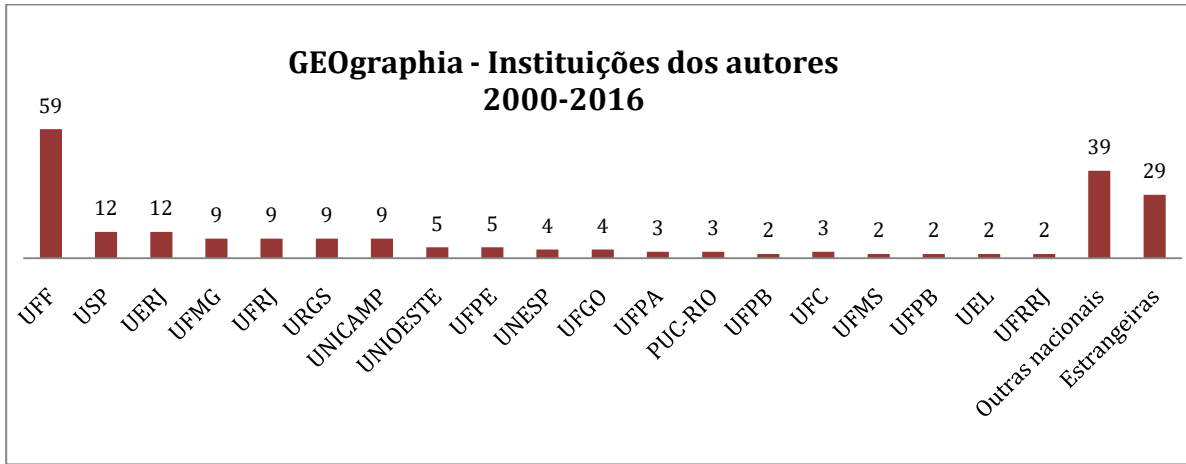


Figura 1. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017.

No caso português, 73% dos artigos publicados da FINISTERRA-UL são originários de instituições portuguesas e 27% de estrangeiras. Entretanto, 56% são artigos desenvolvidos na própria instituição do periódico, na Universidade de Lisboa. Apesar da maior participação de instituições estrangeiras, se comparada à GEOgraphia-UFF, há na FINISTERRA a concentração de artigos de pesquisadores da própria Universidade (ver figura 2).

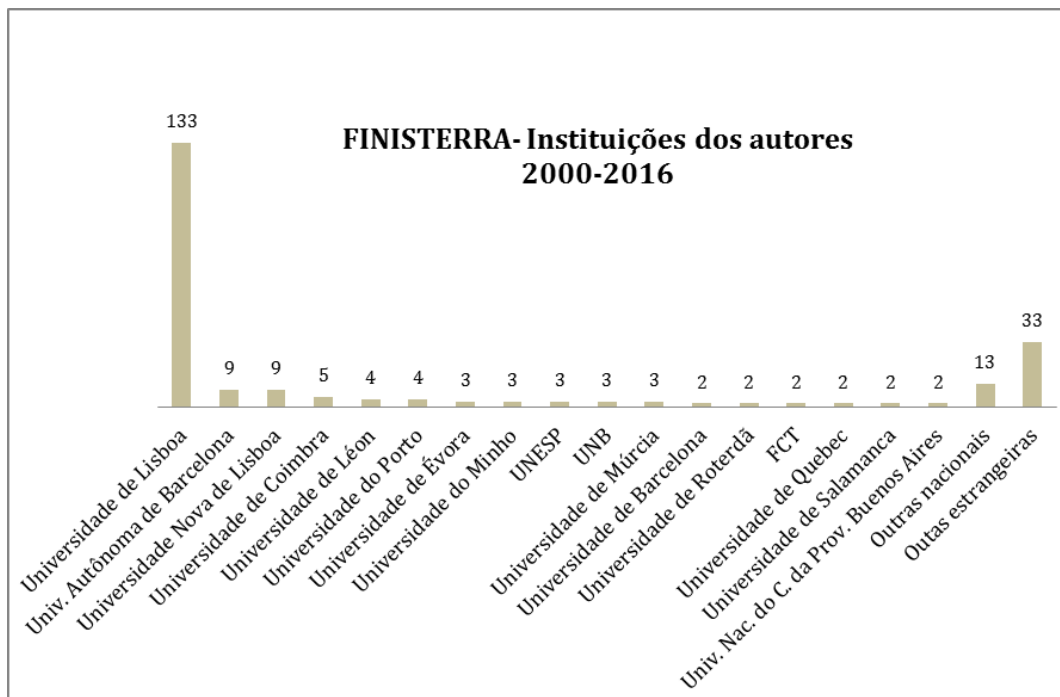


Figura 2. Fonte: FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

Países das instituições dos autores

Com relação às nacionalidades institucionais, observa-se que em ambos os periódicos dominam instituições dos próprios países. Na GEOgraphia, 87% são instituições brasileiras, e na FINISTERRA 73% são portuguesas. Nesta revista é interessante observar a participação de autores principalmente de instituições espanholas, seguidos de autores de instituições brasileiras.¹³ Na GEOgraphia, a presença das instituições estrangeiras é mais rarefeita e menos concentrada; países como França, EUA, Portugal e Argentina são os que mais se destacam (ver figuras 3 e 4).

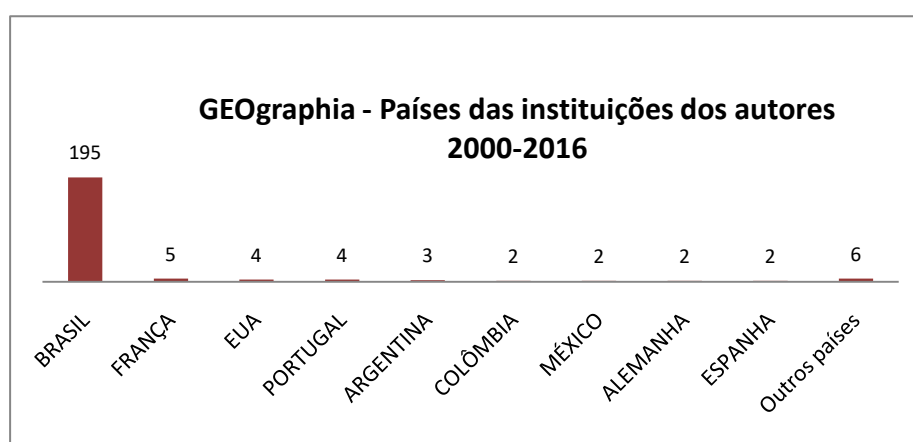


Figura 3. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017.

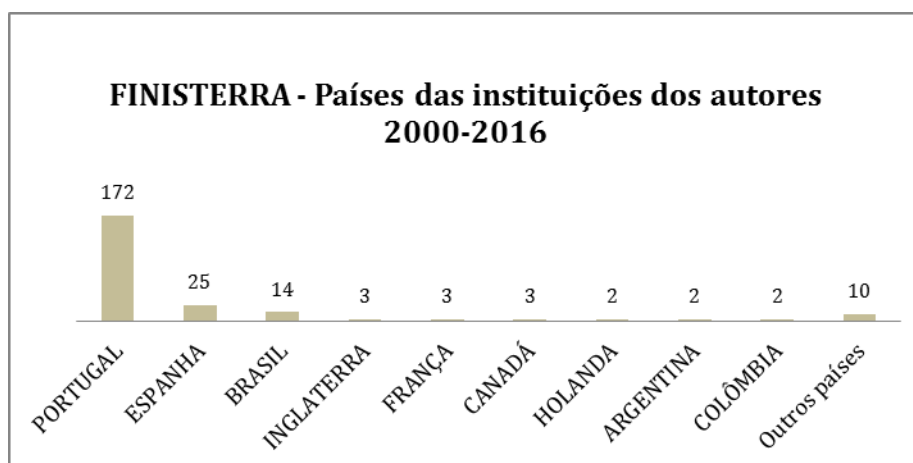


Figura 4. Fonte: FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

¹³ Sobre a interpretação da presença das instituições estrangeiras na FINISTERRA, sugere-se a leitura de Maria Alcoforado et al. (2015). Segundo a autora, o maior número de submissões nos períodos anteriores cabia aos autores franceses, número esse que foi se reduzindo gradativamente. Já o oposto acontece com os pesquisadores espanhóis, que aumentaram o número de submissões. Os números temáticos contribuíram também para maior participação espanhola, como o de 2010, n. 90, v. 45. O aumento de autores brasileiros passou a ocorrer nos primeiros anos do século XXI, em especial entre os anos 2006-2015.

Áreas de conhecimento da Geografia (Geografia humana e física)

Em ambos os periódicos dominam estudos da área de conhecimento da Geografia humana, embora a GEOgraphia apresente uma porcentagem maior, 84%, enquanto a FINISTERRA, uma porcentagem um pouco menor, 75%. Vale mencionar que os artigos de categoria teórica foram incluídos na subárea Epistemologia da Geografia, que integra a área de conhecimento da Geografia humana. Como esses artigos são numerosos nas duas revistas, a Geografia humana aparece com maior expressão, muito embora os temas que esses artigos abordam sejam tradicionalmente, e ainda são, em sua maioria, tratados pela Geografia humana (ver figuras 5 e 6).

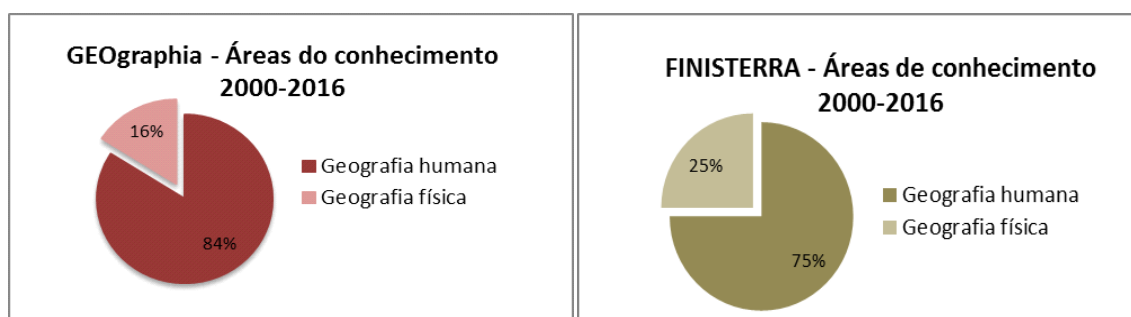


Figura 5 e 6. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017 e Fonte: FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

Áreas de estudo da Geografia humana (subáreas)

Para permitir um padrão comparativo de análise das subáreas de estudo dos artigos publicados nos periódicos, foi necessário estabelecer uma classificação capaz de agrupar estudos similares do ponto de vista temático. Apesar de haver algumas especificidades, observam-se semelhanças nas tendências dos estudos geográficos da GEOgraphia e da FINISTERRA. O domínio de estudos de Geografia e Epistemologia e de Geografia Urbana nas duas revistas se verifica de forma evidente, chegando a 55% do total de artigos da Geografia humana da FINISTERRA. É interessante notar que os estudos de Geografia agrária e de Geografia política aparecem em proporções muito similares, representando, juntos, 21%, seguidos da Geografia regional, com 8%, e da Geografia cultural, com 7%, na GEOgraphia.¹⁴ Nesta revista a Geografia histórica, Geografia econômica, Geografia da população e

¹⁴ Com relação à expressão da Geografia agrária na GEOgraphia, vale mencionar que os artigos tratam do avanço das monoculturas em domínios ambientais importantes, além dos movimentos sociais no campo e da agroindústria. Um número especial de 2015, v. 15, n. 35, com dossiê temático “As dinâmicas socioespaciais do agronegócio no Brasil e na Argentina”,

Geografia e turismo representam entre 3% e 4% do total de artigos, e a temática do ensino não chega a 1% (ver figura 7).

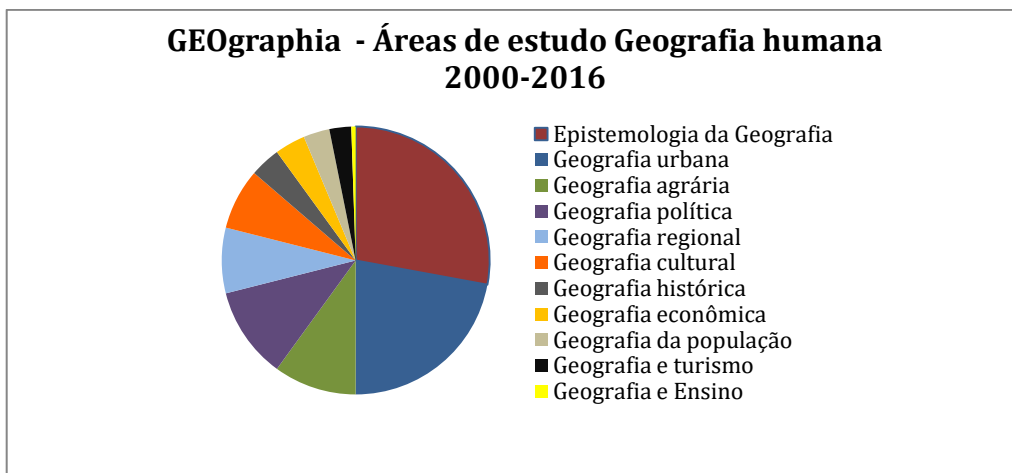


Figura 7. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017.

Além da supremacia dos artigos de temáticas epistemológica e urbana, na FINISTERRA é interessante notar que estudos de Geografia da população e Geografia cultural e Geografia econômica apresentam-se na mesma proporção e, juntas, somam 29%. Em seguida registram-se os estudos de Geografia política, com 4%, de Geografia regional, com 4%, Geografia e ensino, com 3%, e Geografia histórica, Geografia agrária¹⁵ e Geografia e turismo, com 1% cada uma (ver figura 8).

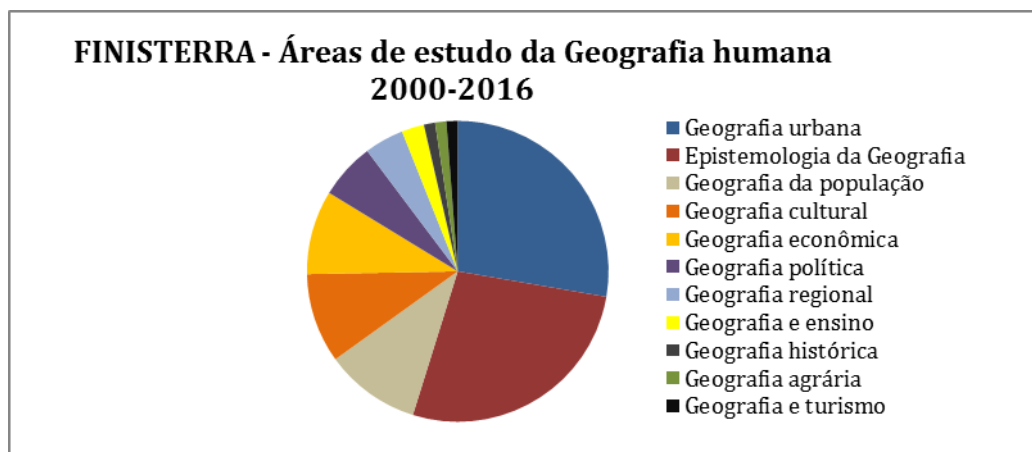


Figura 8. Fonte: FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

Áreas de estudo da Geografia física (subáreas)

contribuiu para que os artigos de Geografia agrária tivessem essa representação na revista. Números temáticos não fazem parte da tradição desse periódico, diferentemente da FINISTERRA, que tem um histórico de publicações temáticas. Já os artigos de Geografia cultural aparecem dispersos, em anos e números diferentes dos da revista.

¹⁵ De acordo com Alcoforado (2015), raros são os artigos sobre a questão agrária que têm sido submetidos à publicação da FINISTERRA nesse primeiro quarto de século.

A área de concentração da Geografia física é a que mais se diferencia nas duas revistas, um indicativo interessante da dinâmica da Geografia física no Brasil e em Portugal. Na GEOgraphia domina os estudos de Planejamento ambiental e Geomorfologia, representando respectivamente 51% e 33% do total de artigos. As subáreas de Geoprocessamento e Climatologia apresentam apenas 3%, cada uma, deste total (ver figura 9).

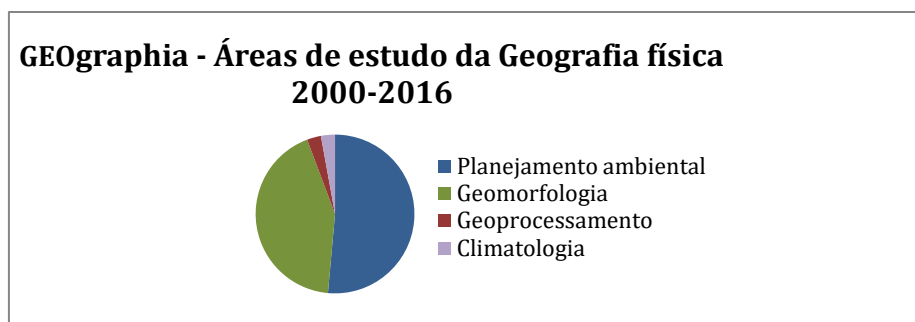


Figura 9. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017.

Na FINISTERRA, estudos de Climatologia são os mais expressivos, com 36%, seguidos pelos artigos de Cartografia e Geoprocessamento, com 33%. Trabalhos sob a temática cartográfica foram incorporados na FINISTERRA aos do Geoprocessamento, o mesmo não acontecendo com a GEOgraphia, pois nessa revista, no período analisado, não houve nenhum artigo dedicado exclusivamente à Cartografia. A subárea de Planejamento ambiental apresentou 7%, e a Biogeografia, 3%.¹⁶ (ver figura 10).

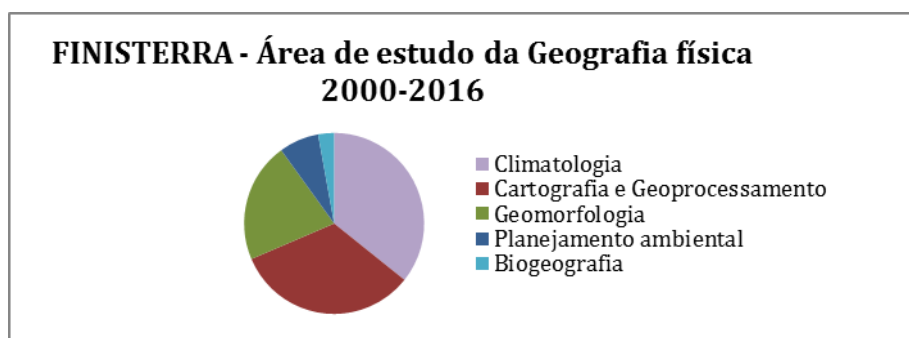


Figura 10. FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

¹⁶ Segundo Alcoforado (2015), nos anos iniciais do século XX foi expressivo o desenvolvimento da tecnologia do Geoprocessamento em Portugal. É interessante assinalar que os volumes de 2003 da FINISTERRA foram dedicados ao Sistema de Informação Geográfica, aumentando o número de artigos na subárea de Geoprocessamento. O mesmo ocorreu com a Climatologia, que ganhou edição temática em 2009 (número 87); com isso a contribuição de pesquisadores envolvidos com o tema foi elevada, representando uma das áreas com mais submissões de artigos.

Recorte espacial dos estudos dos artigos (Geografia física e Geografia humana)

Tanto na GEOgraphia quanto na FINISTERRA os estudos mais numerosos são os sem recortes espaciais, ou seja, os de natureza teórica, os não espacializados, representando do total de artigos de cada periódico 44% e 39%, respectivamente. O que indica uma tendência do campo científico da Geografia no sentido do fortalecimento do debate teórico-metodológico no Brasil e em Portugal. Vocação também evidenciada pela expressão da subárea de estudo Epistemologia da Geografia, da Geografia humana. No caso da FINISTERRA, números especiais dedicados às contribuições de geógrafos portugueses colaboraram para ampliar essa subárea, como o de 2005, n. 79, v. 43, o de 2008, n. 85, v. 43 e o de 2014, n. 98, v. 49, ou os dedicados à própria FINISTERRA, como o de 2015, n. 100, v. 50.

Quanto ao recorte espacial, o Brasil é o maior destaque da GEOgraphia, com estudos que tratam de temas em escala nacional, seguidos de artigos que se dedicam ao Rio de Janeiro. Entretanto, considerando o total de estudos dedicados ao país, seja em escala nacional ou nas unidades da federação, a GEOgraphia apresenta 51% dos seus artigos. Um periódico que apresenta de diversos olhares o território brasileiro (ver figura 11).

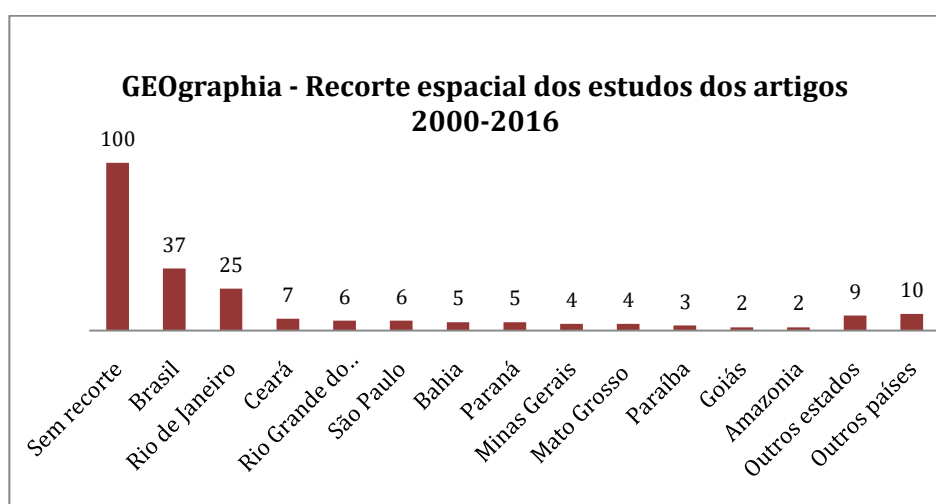


Figura 11. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017.

O recorte espacial privilegiado na FINISTERRA é Portugal, com 32% do total de artigos, dos quais se destacam os estudos dedicados à cidade de Lisboa. Em seguida aparece a Espanha, principalmente os estudos sobre Barcelona. É interessante observar a incidência de estudos que tratam do Brasil no periódico português. Na GEOgraphia, apenas um artigo no período analisado se refere a Portugal.



Figura 12. Fonte: FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

Gênero dos autores (Geografia física e Geografia humana)

Os dados dos gráficos a seguir representam a participação por gênero dos autores no Brasil e em Portugal, considerando apenas os primeiros autores. Observa-se igualmente na GEOgraphia e na FINISTERRA maior presença de homens, 75% e 62% respectivamente. De toda forma, na FINISTERRA a participação de mulheres é um pouco maior, 38%. Vale assinalar que no período analisado a revista portuguesa esteve 15 anos sob a direção de Maria João Alcoforado. Como a seção de artigos da FINISTERRA, objeto empírico desta pesquisa, incluiu em muitos números considerações escritas pelo conselho editorial, ou seja, pela diretora, o número maior de artigos escritos por mulheres no periódico português pode ter aqui uma explicação (ver figuras 13 e 14).

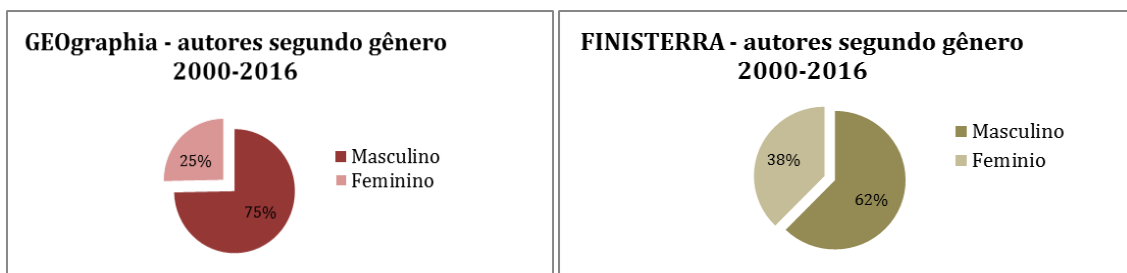


Figura 13 e 14. Fonte: GEOgraphia, UFF. Organização dos autores, 2017 e Fonte: FINISTERRA, UL. Organização dos autores, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre a Geografia brasileira e a Geografia portuguesa não têm sido objeto de investigação recorrente entre os geógrafos brasileiros e portugueses. Tendo em vista a longa história entre Brasil e Portugal, que, inclusive, partilham do mesmo idioma, no mínimo é curiosa a pouca atenção dada ao estudo das relações entre esses dois campos científicos. Assim, com o apoio da CAPES, uma agenda de pesquisa foi montada com o intuito de estabelecer um estudo comparativo dos saberes e das Geografias institucionalizadas em ambos os países. Este texto apresentou alguns resultados dessa agenda.

Desse modo, buscando oferecer uma pequena contribuição ao exame dessa relação, foi realizado um estudo comparativo entre a Geografia universitária desenvolvida no Brasil e em Portugal no primeiro quarto do século XXI, a partir dos artigos publicados em dois periódicos, GEOgraphia e FINISTERRA. Se no passado as Geografias brasileira e portuguesa tiveram no modelo francês lablachiano, reconhecido também como escola regional francesa ou escola possibilista francesa, não só suas inspirações como também suas bases de formação, hoje elas se distanciaram desse padrão e têm apresentado estudos diversificados, conforme demonstrou a análise realizada.

Nesse sentido, chama a atenção não apenas a expressão dos artigos de natureza teórica em ambos os periódicos, mas ainda a pouca incidência dos estudos regionais, sobretudo na FINISTERRA, onde também a Geografia cultural aparece com maior expressão do que na GEOgraphia. A Geografia física passou a apresentar estudos mais especializados e técnicos, com destaque para a Geomorfologia no periódico brasileiro e para a Climatologia e o Geoprocessamento no periódico português. No Brasil,

sobressaltaram-se os estudos na subárea de Planejamento ambiental, que possivelmente estão associados ao caráter territorial brasileiro e às suas biodiversidades. A área de concentração da Geografia física foi, assim, a que mais se diferenciou nas duas revistas, um indicativo interessante da dinâmica da Geografia física no Brasil e em Portugal.

Quanto ao recorte espacial dos estudos dos artigos, a GEOgraphia apresenta 51% dedicados ao Brasil, enquanto a FINISTERRA 32% dedicados a Portugal. E, se a esses dados forem associados os dados das nacionalidades das instituições dos autores que publicaram em ambos os periódicos, a FINISTERRA apresenta um caráter internacional maior, embora a diferença não seja expressiva. Na GEOgraphia, 13% são de autores de instituições estrangeiras; na FINISTERRA, 27%. E, com relação ao gênero dos autores, dominam artigos escritos por homens, o que não é novidade quando se analisa a dinâmica da produção científica brasileira, portuguesa ou mesmo mundial.

Por último, não é demais ressaltar que as considerações aqui tecidas sobre as Geografias universitárias brasileira e portuguesa tiveram como base apenas as publicações nesses dois periódicos, apesar de sua grande relevância acadêmica. Assim, a análise realizada apresenta tão somente um viés interpretativo e não pode ser generalizada ou considerada como explicativa da dinâmica da Geografia universitária brasileira e portuguesa. Sem contar que todo periódico científico é organizado a partir dos propósitos e dos projetos político-acadêmicos dos seus conselhos editoriais. Para um exame mais profundo e completo seria necessária a realização de novas investigações com base em outras e numerosas fontes de pesquisa, além do aprofundamento e do debate sobre a metodologia classificatória dos artigos.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Maria João et al. “FINISTERRA. Biografia de uma revista de Geografia (1966-2015)”. **Revista FINISTERRA**, 2015. v. 1, n. 100, p. 9-33.

AMARAL, Ilídio. “FINISTERRA: uma revista com trinta e cinco anos de prestígio científico”. **FINISTERRA**, 2001. v. XXXVI, n. 72, p. 11-25.

MACHADO, Mônica Sampaio. **A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

RIBEIRO, Orlando. “Orientação”. **Revista FINISTERRA**, 1966. v. 1, n. 1, p. 5-9.

Faculdade Fluminense de Filosofia. Disponível em:

http://www.memoria.uff.br/images/documentos/faculdade_de_filosofia.pdf

REVISTA GEOGRAPHIA. Niterói, 2000-2016. Disponível em:

<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/index>.

REVISTA FINISTERRA. Lisboa, 2000-2016. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/index>.